

Mountain wine from Alto Douro: threats and adaptive capacity

Wine production in the Upper Douro Valley (Maçico Noroeste in Portugal) has a long-standing tradition of widely known PDO wines. It is based on small scale family grape producers and cooperative cellars. Over the last 60 years the area has undergone a fast loss of population and a progressive aging. Viticulture, as well as other agriculture activity, faced a declining profitability and, therefore, was drastically reduced. But in last decades, the increase of temperatures in lower areas and the interest in site specific wines led large wine companies from the lower valley to invest in the area. The result is a renewed growth of vineyards managed by large companies that often process the grapes outside the region, with a consequent loss of added value for the area. Few cooperative cellars maintain their activity, often in collaboration with the large companies, and some small-scale producers started to process the grapes by their own.

The main threat for this value chain remains demographic change as it affects work-force availability and the vitality of the rural area. Climate change is also impacting in terms of extreme events, like hail or heavy rainstorms, while water availability for viticulture is uncertain as potentially conflicting with other uses.

Wine companies are active in finding solutions to the workforce scarcity, but it does not solve the more general problem of few and aged residents. Agronomic practices, mainly linked to conservative soil management and agroecology, are tools for the mitigation of climate change effects and for an increased resilience of the vineyard, also towards the changing pest and diseases and their biological cycles.

MOVING Reference Region

Maçico Noroeste

Country

Portugal

Authors

Cristina Micheloni, Ekaterina Kleshcheva and Gianni Trioli (VINIDEA)

Anticipated users of PA

- Vine growers and winemakers
- PDO-PGI Consortia managers
- Advisors
- Local policy-makers and authorities

More info

<https://youtu.be/9RjgyEu9aYQ>

Vinho de montanha do Alto Douro – ameaças e capacidade adaptativa

A produção de vinho no Alto Vale do Douro (Maçico Noroeste, Portugal) tem uma longa tradição, ligada a apreciados vinhos DOP, com base em pequenos produtores familiares de uvas e adegas cooperativas. Nos últimos 60 anos a área sofreu uma rápida perda de população e um envelhecimento progressivo. A viticultura, como toda a agricultura, enfrentava uma queda na rentabilidade e, como consequência, foi drasticamente reduzida. Mas nas últimas décadas, o aumento das temperaturas nas zonas mais baixas e o interesse pelos vinhos autoctonos levaram grandes empresas vitivinícolas do baixo vale a investir na zona. O resultado é um crescimento de vinhas geridas por grandes empresas que muitas vezes processam as uvas fora da região, com consequente perda de valor adicionado para a área. Poucas adegas cooperativas mantêm a actividade, muitas vezes em colaboração com as grandes empresas, e alguns pequenos produtores começaram a processar as uvas.

A principal ameaça para a cadeia de valor continua sendo a mudança demográfica, que impacta a disponibilidade de mão de obra e, em geral, a vitalidade do meio rural. Por outro lado, as mudanças climáticas estão impactando em termos de eventos extremos, como granizo ou tempestades. A disponibilidade de água para a viticultura é incerta, potencialmente em conflito com outros usos.

As empresas vinícolas estão empenhadas em encontrar soluções para a falta de mão-de-obra, mas isso não resolve o problema mais geral dos poucos e idosos residentes. As práticas agronómicas, principalmente ligadas à gestão conservadora do solo e à agroecologia, são ferramentas para mitigar os efeitos das alterações climáticas e para aumentar a resiliência da vinha, também face à evolução das pragas e doenças e dos seus ciclos biológicos.